PRESENÇA CATÓLICA NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES EM FÁTIMA DO SUL-MT: 1957 A 1971

CATHOLIC PRESENCE IN THE ESTABLISHMENT OF THE FIRST SCHOOL INSTITUTIONS IN FÁTIMA DO SUL-MT: 1957-1971

PRESENCIA CATÓLICA EN EL SURGIMIENTO DE LAS PRIMERAS INSTITUCIONES ESCOLARES EN FÁTIMA DO SUL-MT: 1957 A 1971

Adriele Aparecida Squincalha da Silva[a], Kênia Hilda Moreira[b]

RESUMO

Objetiva-se analisar os processos de implantação das primeiras instituições de ensino na cidade de Fátima do Sul, sul de Mato Grosso, com o intuito de compreender o papel da Igreja Católica, mais especificamente dos padres pallotinos, no surgimento e funcionamento da "Escola paroquial primária 'Vicente Pallotti'" e do "Instituto 'D. Pedro II'", criadas em 1957 e 1966, respectivamente. O recorte final delimita-se em 1971, por compreender que a Lei 5.692/1971 apresenta novas configurações para o ensino. As principais fontes coletadas e analisadas foram: entrevistas narrativas, livro Tombo da Igreja Matriz e fotografias. Tendo entre os referenciais teóricos Magalhães (2004), Buffa (2007), Sanfelice (2007) e Le Goff (1990), a análise foi apresentada em três partes. Na primeira relatamos os principais acontecimentos sobre a criação do município de Fátima do Sul, retomando o período da Era Vargas, até a implantação das primeiras instituições escolares. Na segunda apresentamos dados do surgimento da "Escola primária paroquial 'Vicente Pallotti'" e do "Instituto 'D. Pedro II'". Na terceira apontamos algumas práticas escolares até 1971, com base nas fontes disponíveis.

PALAVRAS-CHAVE: História de instituições escolares. Padres Pallotinos. Fátima do Sul.

[a] Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), dricasquincalha@hotmail.com
[b] Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), keniamoreira@ufgd.edu.br

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the implantation processes of the first teaching institutions in the city of Fátima do Sul, south of Mato Grosso, in order to understand the role of the Catholic Church, specifically the Pallottinos priests, in the emergence and functioning of the School "Vicente Pallotti" and the "D. Pedro II ", created in 1957 and 1966, respectively. The final cut is delimited in 1971, because it understands that Law 5.692/1971 presents new configurations for teaching. The main sources collected and analyzed were: narrative interviews, book Tombo of the Mother Church and photographs. Among the theoretical-methodological references: Magalhães (2004), Buffa (2007), Sanfelice (2007) and Le Goff (1990). In the first one we report the main events about the creation of the municipality of Fatima do Sul, starting from the Vargas Era, until the first school institutions were established. In the second we present data of the emergence of the "Parochial Primary School 'Vicente Pallotti'" and of the "Institute 'D. Pedro II'". In the third we pointed out some school practices until 1971, based on the available sources.

KEY WORDS: History of school institutions. Pallottinos Priests. Fátima do Sul.

RESUMEM

El objetivo es analizar los procesos de implementación de las primeras instituciones de enseñanza en la ciudad de Fátima do Sul, al sur de Mato Grosso, Brasil, con el fin de comprender el papel de la Iglesia Católica, específicamente los sacerdotes pallotinos, el surgimiento y funcionamiento de la escuela parroquial de enseñanza primaria "Vicente Pallotti" y el Instituto "D. Pedro II ", creados en 1957 y 1966, respectivamente. El corte temporal en 1971 se justifica al entender que la Ley 5.692 / 1971 presentó nuevas configuraciones para la enseñanza. Las principales fuentes recogidas y analizadas fueron: entrevistas narrativas, libro Tombo de la Iglesia y fotografías. Entre los marcos teóricos están: Magalhaes (2004), Buffa (2007), Sanfelice (2007) e Le Goff. En la primera relatamos los principales acontecimientos sobre la creación del municipio de Fátima do Sul, retomando el período de la Era Vargas, hasta la implantación de las primeras instituciones escolares. En la segunda presentamos datos del surgimiento de la "Escuela primaria parroquial 'Vicente Pallotti'" y del "Instituto 'D. Pedro II'". En la tercera apuntamos algunas prácticas escolares hasta 1971, sobre la base de las fuentes disponibles.

PALABRAS CLAVE: Historia de instituciones escolares. Sacerdotes Pallotinos. Fátima do Sul.

Data de submissão 06/08/2018

Data de aprovação 13/11/2018

https://doi.org/10.5216/rpp.v16n1.54827

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a reconstruir as circunstâncias sob as quais foram criadas as instituições escolares "Escola primária Paroquial 'Vicente Pallotti'" e "Instituto 'D. Pedro II'" em Fátima do Sul, cidade localizada ao sul de Mato Grosso uno[1], evidenciando a presença confessional católica na região. A pesquisa se insere no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES).

A primeira instituição escolar a ser construída na cidade, em 1957, foi a "Escola Paroquial 'Vicente Pallotti'", destinada ao ensino primário e apresentada como símbolo de "progresso" para a cidade que estava se iniciando. Quase dez anos depois os padres pallotinos encabeçaram a construção do Instituto D. Pedro II. Nesse sentido, justificamos a necessidade de reconstruir os passos inicias das primeiras instituições educativas na cidade, a partir da presença católica, contribuindo para a história da educação na região, ao resgatar a memória escolar, por meio de documentos históricos diversos.

O recorte final delimita-se em 1971 por compreender que a Lei 5.692, estabelecida neste ano, apresentou novas configurações para o ensino, a partir de então denominados de I e II graus. O recorte temporal estabelecido nesta pesquisa se insere, portanto, na vigência das Leis Orgânicas do Ensino implantadas gradativamente a partir de 1942 e perpassa sua transição para a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB 4.024, de 1961.

Como questão de pesquisa destacamos os processos de implantação das primeiras instituições de ensino na cidade de Fátima do Sul, com o intuito de compreender o papel da Igreja Católica nesse processo de implementação e funcionamento das escolas, uma vez que a "Vicente Pallotti", assim como o "Instituto 'D. Pedro II'", foram criados por iniciativa dos padres pallotinos, sociedade católica criada em 1835 pelo padre Vicente Pallotti, santificado pelo Papa João XXIII, em 1963. Como pano de fundo dessa discussão está o Concilio Vaticano II, convocado em dezembro de 1961, que segundo Rossi, Rodrigues e Piola (2015, p. 10), objetivava que a escola católica deveria ser "mais participativa", motivada pelo "espírito do evangelho, da caridade e da liberdade".

As instituições educativas aqui em destaque foram consideradas, conforme Justino Magalhães, como organismos vivos:

> Organismos vivos, as instituições educativas como os grupos sociais e como as pessoas angustiam-se, pensam, tomam decisões, analisando o presente na sua complexidade e no jogo de probabilidades de desenvolvimento, perspectivando o futuro e inquirindo, fazendo balanço, atualizando o seu próprio passado. É uma história material, social, cultural, biográfica, reflexiva, que procura uma objetividade e um sentido no inquérito, na conceitualização, descrição, narrativa, compreendendo e explicando o presente-passado por referência ao destino dos sujeitos e à evolução da realidade (MAGALHÃES, 2004, p. 71).

Além disso, como alerta Buffa (2007), nos atentamos ao risco do envolvimento pessoal com o objeto de pesquisa, comprometendo a criticidade.

[1] A cidade de Fátima do Sul pertence hoje a Mato Grosso do Sul, Estado criado em 1977, com a divisão do estado de Mato Grosso (MT) uno em dois estados. Portanto, durante o período delimitado nessa pesquisa, a cidade localizava-se no sul de Mato Grosso uno.

Consideramos, ainda, a importância de observar cada registro, certos de que uma instituição escolar conta com variadas determinações, de ordem política, religiosa, cultural entre outras. Não há, como expõe Sanfelice (2007, p. 79) "instituição sem história e não há história sem sentido". Cabe a nós, pesquisadores, o desafio de elucidar esse sentido, que muitas vezes, traz "boas surpresas".

Localizamos sujeitos que fizeram parte desse processo inicial e contribuíram com informações para a escrita do referido texto. Como recurso metodológico, fizemos uso de entrevistas narrativas, por meio de conversas com ex-professores, diretor e alunos que compuseram essa escolarização no recorte delimitado. A entrevista narrativa é um método de pesquisa qualitativa, "considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas" (JOVCHELOVITH; BAUER, 2013, p. 95). Os entrevistados foram o padre Ládio Luiz Girardi, professor e diretor da escola "Vicente Pallotti" e do Instituto "D. Pedro II"; os professores Elcira Gracia Cielo, Iraci de Souza de Oliveira e Quintino Bristot; e o ex-aluno Pedro Rocha.

Em visita a "Escola Estadual 'Vicente Pallotti'", tal como é denominada atualmente, não obtivemos retorno positivo ao solicitar informações e fontes que contribuíssem para a história da fundação da escola[2], o que nos leva a questionar sobre o descarte de documentos de arquivos escolares devido a pouca importância dada a história das instituições escolares, como evidencia Mogarro (2005), ao tratar da construção da memória educativa. O único vestígio acerca do início da instituição na atual escola foi um breve relato, com poucas informações, no Projeto Político Pedagógico, que como averiguamos *a posteriori*, confirmam informações de outras fontes.

No entanto, nos foi informado sobre a existência de documentos do referido período na Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima. Lá, tivemos acesso ao livro Tombo da Igreja, com dados de 1963 a 1990. O livro Tombo foi a principal fonte escrita utilizada nesta investigação[3]. As fotografias do "Museu Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka"[4] também fizeram parte de nossas fontes. O museu virtual é composto de fotografias da cidade de Fátima do Sul, ao longo dos anos, feitas e colecionadas pelo fotógrafo Masuo Yasunaka.

Entre as referências bibliográficas utilizadas como fonte estão a obra memorialística de Capilé (1999): *História de Fátima do Sul* e a dissertação de Santos (2007): *Os Colonos e a Igreja Católica no contexto da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1940- 1970).*

As fontes coletadas foram problematizadas a partir da perspectiva de "documento-monumento" (LE GOFF, 1990), permitindo a escrita do texto que ora se apresenta, dividido em três partes. Na primeira relatamos os principais acontecimentos sobre a criação do município de Fátima do Sul, retomando o período da Era Vargas, até a implantação das primeiras instituições escolares. Na segunda apresentamos dados do surgimento da "Escola primária paroquial 'Vicente Pallotti'" e do "Instituto 'D. Pedro II'". Na terceira apontamos algumas práticas escolares até 1971, com base nas fontes disponíveis.

[2] Estivemos na escola pela primeira vez no dia 5 de outubro de 2013 e conversamos com a direção da escola.

[3] Passamos algumas semanas fazendo a leitura de todo o seu conteúdo, entre outubro de 2013 e junho de 2014, em busca de informações sobre a fundação da escola.

[4] Disponível em: http://www.museudefatimadosul.com.br/. Acesso em: 20 set. 2013. A página do museu foi criada pelos professores Manuel José Araújo, Maria Odete do Amaral, Rivalde Souza e Paulo da Silva.

De Vilarejo à Cidade

A história do surgimento da cidade de Fátima do Sul [5] se insere no contexto da Era Vargas, período em que Mato Grosso representava a parte do Brasil "sertanejo", "pobre analfabeto e inculto" em oposição ao Brasil "litorâneo" representado pela elite intelectual e burguesa, como analisou Chauí (2000, p. 67), ao tratar do mito fundador e da sociedade autoritária do país.

Como afirma Galetti (2000, p. 23), o estado de Mato Grosso, representando a parte sertaneja do Brasil, é interpretado como lugar de atraso e selvageria, ao mesmo tempo em que simbolizava "uma reserva de brasilidade, uma fronteira da pátria a ser ocupada por bravos pioneiros", o que justificou a necessidade de interiorização do país pelo programa "Marcha para o Oeste", a partir de 1937.

As políticas de integração do território nacional, no governo de Getúlio Dornelles Vargas, contaram com campanhas em prol da ocupação dos espaços considerados "vazios" no Brasil, com a criação do programa "Marcha para o Oeste" e das colônias agrícolas, como a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND)[6], criada pelo Decreto-Lei nº 5.941, de 28 de outubro de 1943, localizada no Território Federal de Ponta Porã [7], implantada em 1948, já no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, perpassando ainda outros governos (NAGLIS, 2014).

Os primeiros habitantes de onde futuramente se formaria a cidade de Fátima do Sul chegaram em 1953 em busca das terras demarcadas pela CAND. Os que chegaram depois não encontraram terras demarcadas, porque a administração da CAND não se atentou ao grande número de migrantes. Com dificuldades, como aponta o relato do Dr. José Adauto do Nascimento (1983 apud SANTOS, 2007), os que chegaram depois atravessaram o lado direito do rio Dourado e escolheram, eles próprios, seu pedaço de terra. Por esse acontecimento ganharam o nome não de colonizadores, mas de posseiros. Mesmo com os primeiros colonos deixando a barranca do rio para habitarem seus lotes demarcados pela CAND, o povoado nessa barranca não parou de crescer, de modo que a área já não era mais suficiente para abrigar a todos.

Dito de outro modo, quando os colonizadores chegaram a Porto Ubatuba (primeiro nome dado à Fátima do Sul) se fixaram à margem esquerda do rio Dourado. Depois passaram a colonizar o lado direito do rio, lugar onde se fixou um número maior de pessoas, por isso, o lugar onde foi por último habitado cresceu significativamente mais do que onde se habitou inicialmente. Sobre esse período, Capilé (1999, p. 14) expõe: "no descanso das picas, o trabalho de edificação dos ranchos de pau a pique coberto de sapé e tabuinhas. Muitos deles dormitórios à noite, armazéns, lojas e farmácias durante o dia. Até uma pequena pensão, de propriedade do seu Gaudêncio, já havia para abrigar os viajantes".

Desde o início do povoamento o vilarejo recebeu vários nomes: Barranca, Porto Ubatuba, Porto Vitória, entre outros. No dia oito de novembro de 1953 veio ao povoado o frei Frederico Miés para celebrar a primeira missa. Após a missa o povo ali presente perguntou ao padre que nome deveria ser dado à Vila, e ele, pensando por alguns instantes logo respondeu: Como aqui tem gente vinda de todos os recantos do país acho que deveria ser dado o nome de "Vila Brasil", o que foi acolhido e adotado por

[5] Localizada no atual estado de Mato Grosso do Sul, mas nesse recorte temporal, pertencia ao sul de Mato Grosso uno.

[6] Sobre a CAND consultar Menezes (2011), dentre outros autores.

[7] Criado em 1943, o Território Federal de Ponta Porã abrangia os seguintes municípios: Dourados, Bela Vista, Miranda, Maracaju, Nioaque, Ponta Porã e Porto Murtinho, todos indiretamente subordinados à União.

todos, segundo relato de Nascimento (1983 apud SANTOS, 2007).

A ordem dos padres pallotinos se estabeleceu na região a partir de 1954, advindos da Província de Nossa Senhora Conquistadora, que ficava em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E com a intensificação da colonização, como demonstramos, a congregação foi habitar a margem esquerda do rio Dourado, região da atual cidade de Fátima do Sul, com o intuito inicial de evangelização, mas realizando outras ações, como a criação da "escola primária paroquial 'Vicente Pallotti'", no ano de 1957, e do "Instituto 'D. Pedro II'", destinado ao ensino secundário, inaugurado em setembro de 1966.

Em 17 de novembro de 1958, um ano após a inauguração da "Vicente Pallotti", Vila Brasil é elevada à categoria de distrito do município de Dourados pela Lei Estadual nº 1.125, oriunda de um projeto apresentado pelo Deputado Estadual Wilson Dias Pinho, engenheiro, funcionário do núcleo colonial de Dourados. A área do Distrito de Vila Brasil, quando da sua criação abrangia os atuais municípios de Jateí e Glória de Dourados.

Vila Brasil é elevada a categoria de município em 1963, pela Lei 2.057, de 11 de dezembro, e na primeira seção legislativa foi votado o projeto de Lei nº 1, estabelecendo uma comissão sobre a mudança do nome do município, que não poderia mais ser chamado de "Vila". Com o plebiscito foi escolhido o nome de Fátima do Sul, em homenagem a Nossa Senhora de Fátima, padroeira da cidade, por influência dos católicos, pois como consta no livro Tomo, essa vitória se deve aos padres, "os quais não mediram esforços em favor da escolha do nome da padroeira da paróquia" (PARÓQUIA ..., 1965, p. 26).

O professor Quintino Bristot narrou que nos anos iniciais do povoado prevalecia a "Lei do 38" e aquele que podia mais tinha mais e muitos inocentes morriam (BRISTOT, 2014). O pe. Ládio Luíz Girardi, acredita que depois que chegaram os missionários pallotinos na região, com seus ensinamentos, a paz começou a se instalar, "principalmente com a construção da escola, que foi um fator que fez a população deixar a ignorância de lado e conhecer as leis, aprenderem a viver em sociedade e a sonhar com um futuro melhor" (GIRARDI, 2014). O que propiciou a ampliação das instituições educativas na cidade, com a criação do "Instituto 'D. Pedro II", em 1966.

A professora Elcira Gracia Cielo, narrou que quando chegou do Rio Grande do Sul para Fátima do Sul, no dia 22 de maio de 1968, encontrou a cidade com aspecto de sujeira, em virtude da terra vermelha, "mas é uma terra boa", complementou a professora. Segundo ela, nessa época "a energia [elétrica] era movida a motor, logo, as oscilações eram constantes, não havia asfalto, as casas, a maioria eram de madeira, cercadas por balaústres, muitas casas tinham como piso, o chão batido [de terra]" (CIELO, 2014). Características típicas de uma cidade em construção, em um passado não tão distante. Segundo relatos de moradores da região, no início da colonização, as pessoas tinham que ir a cavalo fazer compras em Dourados, cidade vizinha de maior porte que fica a 40 quilômetros de distância.

De acordo com o relatório da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, de 1968, nesse período haviam 26.000 habitantes no município, sendo 23.000 católicos e 3.000 protestantes (PARÓQUIA ..., 1966, p. 22). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados de 2012 [8] o número de católicos apostólicos romanos é de 13.202 pessoas, para uma população de 19.035 em 2010. Houve um decréscimo da população, e os fiéis católicos que em 1968 estava na casa dos 88% contam em 2010, com 68%, mas ainda são maioria. E foi por influência dos católicos, como já anunciamos, que se criaram as primeiras instituições educativas

[8] Disponível em: http://cod.ibge.gov.br/1SUP. Acesso em: 24 jun. 2014

em Fátima do Sul, como detalhamos no tópico que segue.

Fundação das Instituições Escolares Católicas

Partimos da premissa de que a educação católica foi um fenômeno importante no Brasil, merecendo destaque na história da educação brasileira. Nesse sentido, ocupar-se com a história da "Escola primária paroquial 'Vicente Palloti'" e do "Instituto D. Pedro II'" significa problematizar a ação educacional católica e o que ela forneceu à história da educação confessional na região e no estado de Mato Grosso.

O padre Amadeu Amadori chegou a Vila Brasil, atual cidade de Fátima do Sul, em 25 de dezembro de 1956[9]. Percebendo a ausência de uma instituição escolar, fundou no ano seguinte a "Escola Paroquial 'Vicente Pallotti'", nas dependências da antiga Capela Nossa Senhora Aparecida, atual Nossa Senhora dos Navegantes, à margem esquerda do rio Dourado.

A Figura 1 apresenta a turma de 66 alunos da "escola 'Vicente Pallotti'", com as professoras ao lado e o pe. Amadeu Amadori no centro, com veste preta. Mesmo sem carteiras, a escola começou a funcionar em 28 de março de 1957. Lecionaram como professoras as irmãs Soares de Souza e Pedrina Pereira da Silva. A escola era muito simples e a situação muito precária.

Figura 1 A Escola primária paroquial Vicente Pallotti e sua primeira turma (1958)



Fonte: Museu virtual Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka

Tal imagem nos remete a afirmação de Alves (2005, p. 229) ao tratar da presença da escola católica no Brasil. Para este autor, se por um lado a Igreja colaborou com as elites na manutenção da ordem estabelecida, por outro lado ofereceu resistência às classes hegemônicas, "educou parcela das camadas populares e contribuiu de forma decisiva para a formação da nação brasileira".

A escola "Vicente Pallotti" iniciou suas atividades na capela e permaneceu por quatro meses. Em seguida passou a funcionar na Avenida 9 de Julho, esquina com a Rua Melvin
Jones, numa propriedade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma

[9] O padre adveio da matriz de São Pedro, localizada na Vila São Pedro, distrito de Indápolis, como coadjutor das paróquias de São Pedro e de Glória de Dourados, com o intuito de construir uma nova igreja.

Agrária (INCRA). Mas no mesmo ano, 1957, os padres pallotinos iniciaram a construção do prédio da escola, feita de madeira, com quatro salas, em terreno emprestado e recursos doados pela comunidade e por duas serrarias.

Para os padres pallotinos, crescer em obras significava crescer em ordem religiosa, o que justificaria o interesse em realizar benfeitorias à comunidade. Faz-se necessário relembrar que entre os anos finais da década de 1950 e início da década de 1960, no Brasil, surge a questão da educação popular e os debates em torno da democratização do ensino, com participação ativa da Igreja Católica e do pensamento pedagógico de Paulo Freire e da Escola Nova, como evidenciam Freitas e Biccas (2009), aliada aa discussões do Concílio do Vaticano II a partir de 1961.

Nos anos iniciais da "Vicente Palloti", como anunciamos, lecionavam as professoras, Irma Soares de Souza e Pedrina Pereira da Silva. O ex-aluno Pedro Rocha, nascido em Palmeira dos Índios, Alagoas, hoje com 67 anos, ao responder sobre o nome dos professores que teve na escola "Vicente Pallotti" quando chegou à cidade, com sete anos de idade, em 1958, afirma lembrar-se das professoras Dona Irma, Dona Valda e Dona Conceição (ROCHA, 2014).

Paralela a construção da Igreja Matriz foi feita a limpeza do terreno em frente, em 3 de janeiro de 1966, com o intuito de edificar o prédio do "Instituto 'D. Pedro II'" [1], sob a direção dos padres pallotinos Amadeu Amadori e José Pascoal Busato. A Figura 2 ilustra a fase inicial da construção do Instituto, com a presença de homens adultos e crianças.

Figura 2 – Fase inicial da construção do "Instituto 'D. Pedro II'" (1966)



Fonte: Museu virtual Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka

Sobre o financiamento da construção do edifício da escola, o pe. Ládio Luiz Girardi, em entrevista, relatou que: "foi recebido dinheiro de órgãos do estado, de verbas de deputados e também de outros países" que contavam com associações de auxílio aos países pobres. "Recebemos ajuda dos Estados Unidos e da Europa", afirmou o padre. Os sacerdotes que vieram fundar missão na região, com a ajuda dos outros sacerdotes da comunidade pallotina, contribuíram na compra de meio lote, "terreno este onde seria construída a escola"[m] (GIRARDI, 2014). O

[1] Parece que no período havia uma diferenciação entre escola e instituto. O Instituto foi assim denominado, segundo o padre Girardi, porque agregava em um único prédio, vários cursos, como o primário, o ginásio comercial, e os de datilografia e corte e costura.

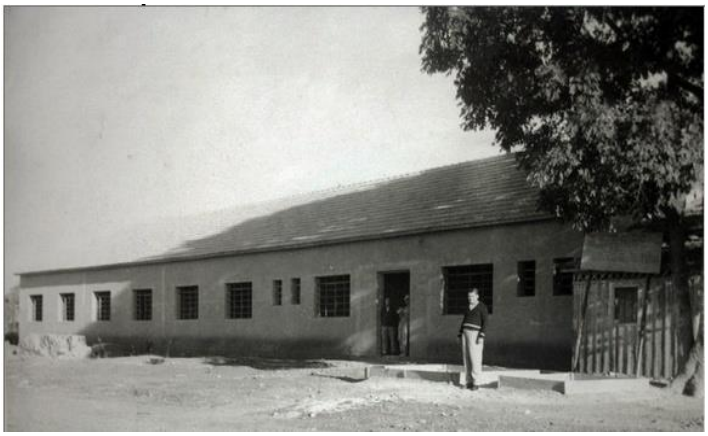
[m] No município vizinho, em Vicentina, o pe. José Daniel, também com a ajuda da sociedade dos pe.

financiamento resultou, como narra o padre, de acordos entre Estado e Igreja, além de recursos da região e do exterior.

Tal narrativa nos permite observar as estratégias da Igreja Católica na viabilização dos seus projetos. Observa-se ainda a prática da doação do trabalho físico. Em síntese, cada um contribuiu a sua maneia, motivados, cada um a seu modo, na crença da escola como meio de promoção do desenvolvimento intelectual, social e humano e, na fé na Igreja como formadora por meio da escola, como observaram Rossi, Rodrigues e Piola (2015) ao analisarem instituições católicas na região do Paraná.

Um mês depois do início da construção, em 3 de fevereiro, o Instituto ficou pronto, talvez em virtude da quantidade de voluntários, como demonstra a fotografia acima. A Figura abaixo ilustra o edifício do Instituto já quase pronto. À frente da construção está o padre José Pascoal Busato.

Figura 3 – Construção adiantada do "Instituto 'D. Pedro II'" (1966)



Fonte: Museu virtual Histórico e Fotográfico Masuo Yasunaka

Sobre o funcionamento e manutenção da instituição, o Livro Tombo relata os anos iniciais do Instituto, em que "os pais davam uma ajuda de custo para as despesas da escola e para o pagamento dos professores" (PARÓQUIA ..., 1966, p. 21).

A princípio funcionou no Instituto a escola técnica, com cursos de datilografia e de corte e costura, destinados à formação profissional. Essa preocupação com o ensino profissionalizante parece ter sido uma prática dos pallotinos, como fica evidenciado na história de escolas administradas por essa ordem, nos tempos atuais [n].

No entanto, a inauguração oficial do "Instituto 'D. Pedro II'" data de 25 de setembro de 1966, com a presença do pe. Guido Carcich, do prefeito municipal, senhor Antônio Gabriel Moreira, a quem coube a honra de cortar a fita simbólica e demais autoridades civis e militares locais, como relatado no livro Tombo. Uniformizados os alunos desfilaram pela Avenida 9 de Julho, "ao som da nova Fanfarra - oferta do pe. Guido Corcich". Na fachada do Edifício "em altar preparado e rodeado pelas bandeiras: brasileira e mato-grossense" celebrou-se a missa campal. Nesse edifício funcionaria "a Escola

Pallotinos, comprou um lote inteiro, 30 hectares com o dinheiro de sua herança e lá construiu a igreja, os salões sociais, a casa de formação e a escola. O padre também queria ter construído um hospital, mas não conseguiu porque os políticos queriam fazer em outro lugar, objetivando mais fama política, contou o padre Giraldi (2014).

[n] Um exemplo é o "Colégio 'Vicente Pallotti'" na Vila Matilde, em São Paulo. Disponível em: http://www.colegiovicentepallotti.com.br. Acesso em: 25 jul. 2016.

Técnica, O Ginásio Comercial e a escola Vicente Pallotti, tudo propriedade dos Padres Pallotinos" (PARÓQUIA ..., 1966, p. 21).

O relato da inauguração do prédio do "Instituto 'D. Pedro II'" nos faz lembrar que sua inauguração aconteceu no início do regime militar no Brasil, contando com a presença de militares no evento. Outro destaque é para a comunhão aparente entre o civil e o religioso, acrescido do militarismo, com a ditadura implantada. É curioso observar que apesar da vinculação religiosa, pois era "tudo propriedade dos Padres Pallotinos", a instituição apresentou um nome civil, homenageando o segundo imperador da monarquia brasileira, talvez por ter contado com recursos dos "órgãos do estado".

Em março de 1967 a "Escola paroquial primária 'Vicente Pallotti'" passou a funcionar no prédio do "Instituto 'D. Pedro II'", com 110 alunos e cinco professores. A partir deste ano também funcionou o Ginásio Comercial, no período noturno, sob o regime da Lei de Diretrizes e Bases 4.024/1961º.

Com a mudança da "Vicente Pallotti" para o edifício do "Instituto 'D. Pedro II'", o antigo prédio foi demolido para ceder o terreno às Irmãs de São José, onde construíram sua residência. Com o material da velha escola se construiu um salão atrás do prédio do "Instituto 'D. Pedro II'", para servir de salão de recreio de festas e formaturas (PARÓQUIA ..., 1967, p. 23).

Práticas e Conteúdos Escolares

O pe. Amadeu Amadori registrou no Livro Tombo que o Instituto, mesmo com as dificuldades de carência de docentes, "conseguia ter os melhores professores da região: Instituto D. Pedro II inicia as aulas - Aos 6 de março de 1967, com 300 alunos no Ginásio e 45 no técnico, tiveram início as aulas do presente ano, no prédio novo em frente a nova matriz em construção. [...] Conta com a melhor equipe de professores" (PARÓQUIA ..., 1967, p. 23).

O Livro Tombo relata acontecimentos em torno das festividades da instituição que nos permitem compreende-las como "organismos vivos". Trata-se das práticas escolares de comemoração de datas consideradas importantes, como o dia dos professores e o dia das crianças no mês de outubro. "As crianças de Fátima do Sul tiveram um feliz encontro no Instituto D. Pedro II, os mestres prestaram a elas uma simples homenagem! Salve crianças!" (PARÓQUIA ..., 1971, p. 60).

Em 1971 foi realizada no "Instituto 'D. Pedro II'" um "encontro" dos professores da rede municipal de ensino das cidades de Fátima do Sul, Jateí e Glória de Dourados. O "encontro de professores" de outros municípios na cidade de Fátima do Sul para comemorar o dia dos professores, parece indicar uma representação positiva da cidade na região à época e a importância que ela dava às questões educacionais.

Entre as comemorações da escola estavam às formaturas dos alunos. Como afirmam Gallego e Cândido (2015, p. 35) "as festas consistiram em um dos vários aspectos introduzidos e que, gradativamente, entranharam-se nas representações sociais que compõem a cultura escolar". Segundo as autoras, o propósito inicial das festas escolares era "deixar bem patente para a sociedade o desenvolvimento admirável e real das crianças educadas".

Encontramos um breve relato da colação de grau dos alunos do curso normalista – provavelmente, a última turma de normalistas em virtude de mudanças na legislação educacional com a Lei 5.692/1971 –, do curso de contabilidade (comércio) e do ginásio: "16-12-71

º O ensino secundário nesse contexto regido pela LDB 4.024, de 1961 estabelecia uma divisão em dois ciclos, o ginasial de quatro anos e o colegial, de três anos, podendo ser realizado como ensino secundário ou ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e normal).

Normalistas, técnicos de contabilidade e concluintes do ginásio do Instituto D. Pedro II, receberam diploma hoje no Cine Estrela de Fátima do Sul, tudo ocorreu a contento!" (PARÓQUIA ..., 1971, p. 62).

Sobre formação de professores, o curso de formação de normalistas oferecido pelo "Instituto 'D. Pedro II'" visava sanar a escassez de professores primários, no entanto a falta de professores habilitados continuou sendo uma realidade do curso ginasial (secundário). O pe. Ládio Luís Girardi comentou que entre 1972 e 1974 haviam apenas dois professores com curso superior: ele e uma professora que veio de São Paulo. A maioria dos professores, no entanto, "tinham o II Grau incompleto, outros nem isso. Havia alguns, por exemplo, que não tinham curso de matemática, mas eram bons em cálculo, então ia dar aulas de Matemática". (GIRARDI, 2014).

Sobre os conteúdos ministrados, o pe. Girardi (2014) afirmou que "Naquele tempo se estudava bastante principalmente a língua, a forma de falar". Na disciplina de Matemática, se ensinava primeiramente as quatro operações, considerado o básico e mais fundamental que se precisava aprender naquele tempo. Quem tinha essa aprendizagem, diz o pe. Ládio, "já sabia se virar na vida".

Em resposta à pergunta sobre quais disciplinas estudou na escola a partir de 1958, o ex-aluno Pedro Rocha afirmou que foram: "Português, Matemática, Ciências, História e Geografia" (ROCHA, 2014). Cabe destacar a relevância social e pedagógica dos ensinos de leitura, escrita e cálculos. Saber ler, escrever e fazer conta se constituiu como representação social do sujeito escolarizado e da suficiência do ensino, como atesta Monteiro (2011), ao escrever sobre a educação em Caarapó.

No entanto, ao contrário da realidade apresentada pela autora sobre a cidade de Caarapó no sul de Mato Grosso uno, em Fátima do Sul, nosso *lócus* de pesquisa, quem terminasse o ensino primário poderia seguir os estudos, cursando o Ginásio e cursos profissionalizantes, oferecidos pelo "Instituto 'D. Pedro II'", criado pelo movimento social pallotino, que segundo confirma Capilé (1999), era a única escola a oferecer o ensino secundário no município até o início dos anos 1970.

Segundo o pe. Ládio Luiz Girardi, "A Instituição era considerada uma escola de respeito, até alguns pais que não eram da religião católica, preferiam matricular seus filhos lá, por considerar uma instituição de respeito" (GIRARDI, 2014). Complementando essa informação, no relato da professora Elcira sobre os conteúdos, ela afirmou que no Ensino Religioso não se focava em uma religião, já que não eram apenas católicos que estudavam na escola (CIELO, 2014).

Ao questionarmos sobre a representação dessas instituições educativas na cidade, ela representou, nas palavras do pe. Ládio Luiz Girardi, "o fim da ignorância que permeou a população no início da colonização". Para ele, a partir da fundação das instituições escolares "os métodos bairristas foram desaparecendo", dando "lugar a um pensamento, ou a um método mais culto de pensar, de educar os filhos, e de enfrentar o mundo no trabalho, na convivência e no relacionamento das pessoas humanas". De acordo com o padre Girardi "a escola ajudou a melhorar a forma de pensar" da comunidade de Fátima do Sul (GIRARDI, Entrevista, 2014...).

Em razão da Lei 5.692 de 1971, que criou os ensinos de I e II Graus, o secretário de educação de Mato Grosso visitou o Instituto "D. Pedro II", para esclarecer sobre as novas modalidades de ensino primário com as mudanças da referida Lei: "02-12-71 secretário de educação: Esteve visitando Fátima do Sul o secretário da educação de Matogrosso Dr. Paquim que vem em visita de esclarecimentos das novas modalidades de ensino primário feito em sistemas religioso, que funciona a partir de

janeiro de 72" (PARÓQUIA ..., 1971, p. 61).

Considerações Finais

A análise das fontes disponíveis nos permitiu perceber que sob influência dos movimentos da Igreja Católica na década de 1950, em prol da educação popular, o movimento social pallotino construiu, em Fátima do Sul, as primeiras instituições educativas, de caráter confessional, representando "progresso" e "civilização" para o povo da cidade. De tal maneira que na década de 1960, a cidade contava, além do ensino primário, com o ensino secundário e cursos técnicos, ao contrário de municípios vizinhos como Caarapó, que contava apenas com o ensino primário.

A "Escola paroquial primária 'Vicente Pallotti'" e o "Instituto 'D. "Pedro II'" representavam o que se tinha de melhor em termos de escolarização nesse período, considerando que até os não católicos que tivessem condições, matriculavam seus filhos, por acreditarem que nela estavam os melhores professores.

A exposição das festividades escolares, como parte da cultura da escola, era uma forma de evidenciar as benesses das instituições pallotinas para a sociedade de Fátima do Sul, ao mesmo tempo em que essas instituições se apresentaram como símbolo de avanço para a cidade, contribuindo, como afirmaram os entrevistados, para novos hábitos e costumes entre as gentes que aí viviam.

O presente artigo resulta de um esforço na tentativa de reunir e analisar documentos em torno da história do surgimento de instituições educativas na cidade de Fátima do Sul, contribuindo para a história da educação na cidade, ainda com inúmeras lacunas, que esperamos possam ser preenchidas com futuras pesquisas e novas fontes, possibilitando uma rede mais coesa da história das instituições escolares sul mato-grossenses, como parte da história da educação no país.

Referências

ALVES, Manoel. Sistema católico de educação e ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. **Revista Dialogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n. 16, p. 209-228, set./dez. 2005.

BRISTOT, Quintino. **Professor Quintino Bristot***:* entrevista narrativa. [fev. 2014]. Entrevistadora: Adriele Aparecida Squincalha da Silva, Fátima do Sul, MS, 2014.

BUFFA, Ester. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. et al (org). **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Associados, 2007, p. 151-164.

CAPILÉ, Claudia Coutinho. **História de Fátima do Sul**. [S.I.]: Gráf. Caiuás, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil – mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CIELO, Elcira Gracia. **Professora Elcira Gracia Cielo**: questionário estruturado. [mar. 2014]. Fátima do Sul, MS, 2014.

CIELO, Elcira Gracia. **Professora Elcira Gracia Cielo**. entrevista narrativa. [fev. 2014]. Entrevistadora: Adriele Aparecida Squincalha da Silva, Fátima do Sul, MS, 2014.

GALLEGO, Rita de Cassia; CÂNDIDO, Renata Marcílio. Uma discussão sobre os sentidos da integração de feriados, festas e comemorações cívicas no calendário das escolas primárias paulistas (1890-1930). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, pp. 17-36 abr./jun. 2015.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre o Mato

Grosso. 2000. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH/USP, São Paulo: 2000.

GIRARDI, Ládio Luiz. **Padre Ládio Luiz Girardi**. entrevista narrativa. [fev. 2014]. Entrevistadora: Adriele Aparecida Squincalha da Silva, Fátima do Sul, MS, 2014.

JOVCHELOVITH, S; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2013, p. 90-113.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: EdUnicamp, 1990.

MAGALHÃES, Justino P. **Tecendo nexos**: a história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2004.

MENEZES, Ana Paula. Colônia agrícola nacional de Dourados - história, memória: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados. **Revista História em Reflexão**: Vol. 5 n. 9 – UFGD – Dourados, p. 1-16, jan./jun. 2011.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 10 jul/dez. 2005, p. 75-99.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. **"Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto":** os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960). Dourados-MS: EdUFGD, 2014.

OLIVEIRA, Iraci de Souza de. **Professora Iraci de Souza de Oliveira**; entrevista narrativa. [fev. 2014]. Entrevistadora: Adriele Aparecida Squincalha da Silva, Fátima do Sul, MS, 2014.

PARÓQUIA Nossa Senhora de Fátima. **Livro Tombo**. Fátima do Sul, Mato Grosso do Sul, 1963-1990.

ROCHA, Pedro. **Ex-aluno Pedro Rocha**: questionário estruturado. [abri. 2014]. Fátima do Sul, MS, 2014.

ROSSI, Edneia R.; RODRIGUES, Elaine; PIOLA, Geslaine Cristina Tamião. Educação confessional católica: a escola paroquial Santo Inácio e as instituições de ensino primário em Maringá (1946-1960). **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 61, p. 166-177, mar2015.

SANFELICE, José Luis. História das Instituições Escolares. In NASCIMENTO, Isabel Moura... [et al], (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 75-94.

SANTOS, Claudete Soares de. A. **Os Colonos e a Igreja Católica no contexto da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1940- 1970)**. 2007. 110 f. Dissertação (Mestrado em História). Dourados, MS: UFGD, 2007.